

AS PRODUÇÕES DE PESSOAS *TRANS* NOS TERRITÓRIOS DA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA: por uma biologia *menor* aos corpos, gêneros e sexualidades

THE PRODUCTION OF TRANSGENDER PEOPLE IN THE TERRITORIES OF EDUCATION IN BIOLOGY: for a *minor* biology to bodies, genders, and sexualities

Sandro Prado Santos

UFU

sandro.santos@ufu.br

Camyla Strack de Oliveira

UFU

camyla.strack@hotmail.com

Matheus Moura Martins

UFU

matheus.moura@ufu.br

Resumo

O presente texto insurge das reflexões de uma Iniciação Científica que se alia com as produções de pessoas *trans* nos ENEBIO, EREBIO e ENPEC. Temos como objetivo apresentar e discutir, com tais produções, as principais pistas e aberturas aos corpos, gêneros e sexualidades para que possamos pensar uma perspectiva de uma *educação em biologia menor*. Em nosso percurso metodológico, utilizamos elementos da pesquisa bibliográfica. As produções visibilizaram que os territórios estão carregados de elementos que conformam uma educação em biologia *maior*. No entanto, esses também apresentam espaços, de uma educação em biologia *menor*, em que os discursos biomédicos e anatomo-fisiológicos são lançados em atravessamentos sociais, coletivos, políticos, culturais e afetivos, ou seja, em processos de fuga, resistências e aberturas aos ordenamentos instituídos pelos usos *maiores*.

Palavras-chave: educação em biologia menor, gêneros, sexualidades, produções *trans*.

Abstract

The present text rises from the reflections of a Scientific Initiation of bibliographic nature that allies with the productions of *trans* people in ENEBIO, EREBIO and ENPEC. We aim to present and discuss, with such productions, the insurgent fissures and escapes, to bodies, genders and sexualities, in the areas of science and biology education. The productions made visible territorial reliefs loaded with landscapes and sediments that formed an education in

major biology, as well as fissures and escapes that constituted what we conceptualize as an education in minor biology by producing territories as spaces in which bodies, genders and sexualities are mobilized more by social, collective, political, cultural and affective crossings than by biomedical and anatomy-physiological organs or discourses, launching education in greater biology in the process of escaping, deterritorializing its uses within the established order.

Key words: education in minor biology, genders, sexualities, trans productions.

(Re)fazendo um início de conversa

O presente texto insurge das discussões e reflexões do Projeto de Iniciação Científica: “*As produções de pessoas trans nos territórios da Educação em Biologia: o que dizem ao instituído da biologia maior aos corpos, gêneros e sexualidades?*” - Edital n. 02/2019 PIBIC/CNPq/UFU.

Em andanças investigativas que se debruçaram com as ocupações e disputas, de corpos, gêneros e sexualidades, nos espaços curriculares da Educação em Ciências e Biologia, temos insistido na cartografia da Educação em Biologia, lançando-a numa consistência territorial¹ (SANTOS, 2018). Diante disso, ao pensarmos a complexidade da composição territorial na/da Educação em Biologia estamos interessados no funcionamento dos gêneros e das sexualidades enquanto dispositivos² que produzem (re)arranjos, redes aos territórios, seja na investitura em regulações e normatizações, bem como em fissuras e aberturas que podem enredar com criações de paisagens outras.

Desse modo, a educação em Ciências e Biologia, é composta por territórios que conformam as primazias de explicações biológicas. No entanto, nesses territórios insurgem ditos e vistos outros marcados por nuances e inconstâncias que des-territorializam e minoram uma estabilidade pretensiosamente biológica. Temos apostado nesses movimentos que coexistem em disputa-tensão de uma Educação em Biologia *menor* - implicada num regime que arranca o lugar fixador dos corpos, gêneros e sexualidades, num devê singularizações, experimentações (DELEUZE; GUATTARI, 2011) e uma educação em Biologia *maior* regimentada numa totalidade orgânica que encerra as subjetividades dos corpos, gêneros e sexualidades.

A partir de tais contextos consideramos que as educações em Ciências e Biologia, oscilam entre planos a partir dos movimentos dos corpos, gêneros e sexualidades: *ora* com superfícies de normalizações e *ora* com superfícies de resistências, funcionando de modo coexistente. Isso tem nos provocado inquietações: de que modo abrir espaços para outras possibilidades de corpos, gêneros e sexualidades? A quem se aliar? Quais alianças possíveis?

¹ Tomamos a educação em biologia como um território que tem a sua geografia, sua cartografia e seu diagrama de forças, constituído por linhas de diferentes naturezas, ritmos e direções. (DELEUZE, 2013).

² Michel Foucault (1979) demarca o dispositivo enquanto uma rede de elementos heterogêneos (ditos e não ditos) tecida por “[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. (p. 244).

Nessa seara, temos tensionado os territórios da Educação em Ciências e Biologia com a potência e alianças aos sopros das experiências de pessoas *trans*³ (SANTOS, 2018), apostando em possibilidades de fissuras nos ditos e vistos que os regulam e estratificam.

Fomos acompanhando, encontrando e nos aliando com produções e participações pioneiras de pessoas *trans* nos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (ENEBIO), Encontros Regionais de Ensino de Biologia (EREBIO) e nas duas últimas edições dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) (SANTOS, 2018). As problemáticas delineadas e que ganharam potência na investigação foram: o que pode e o que dizem essas produções com os ditos e vistos *maiores* da Educação em Biologia? Quais fissuras, aberturas e escapes que produzem no instituído da biologia *maior*?

Nesse texto, temos como objetivo apresentar e discutir, a partir das produções de pessoas *trans* nas edições dos ENEBIO, EREBIO e ENPEC, as principais pistas e aberturas aos corpos, gêneros e sexualidades para que possamos pensar uma perspectiva de uma *educação em biologia menor* a partir da análise de quatro artigos publicados em anais de eventos científicos.

Sexualidades, gêneros trans-tecendo territórios: traços de uma educação em biologia *maior* e *menor*

Eu não
Eu não odeio meu corpo.
Eu não nasci no corpo errado.
Não me venha falar que ele é inadequado.
Se eu mudo é para melhorar o que sinto
que possa ser melhorado.
Se eu mudo é porque mudança faz parte da vida
e eu não quero me sentir parado.
Cada forma. Cada traço.
São todos pedaços de quem eu sou.
Comecei só como um rabisco.
Agora estou transcendendo o padrão fabricado.
E ninguém tem nada com isso.
E não tem nada de errado.
Eu sou eterno rascunho da vida.
Nunca vou ser terminado.
Apaga. Refaz. Tira. Acrescenta.
Só não deixa igual,
porque aí ninguém aguenta.
Eu não odeio meu corpo. Eu não nasci no corpo errado.
Sou eterno rascunho da vida, estou aqui
para ser melhorado.
Na eterna busca do buscar por toda eternidade.
Rabisco Rascunho Desenho Obra prima Transbordando Transcendendo Transgredindo
Apenas sendo mais eu
Mais meu a cada dia”.

Bernardo Enoch Mota⁴

³ Ressaltamos que utilizamos “experiências de pessoas *trans*” para não fazer referência direta a uma denominação médica/patológica e por não referenciar um arranjo unívoco entre as muitas possibilidades relacionadas aos deslocamentos de gênero. Reafirmamos a polifonia das pluralidades de experiências possíveis com/nos corpos, gêneros, sexualidades e desejos. (JESUS, 2012).

⁴ In: ANTOLOGIA Trans. **30 poetas trans, travestis e não-binários**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017.

O poema nos interpela a entender que as produções dos corpos, gêneros e sexualidades são espaços regidos por usos padronizados e únicos, e, também desenhados com outras experiências que escapam e resistem ao instituído. Isso tem se configurado num trans-tecer de *pequenas redes* heterogêneas e de multiplicidades na composição de elementos que nos ajuda a pensar com uma educação em biologia *menor*⁵ (SANTOS; MARTINS, 2020).

Nesse contexto, temos considerado que a educação em biologia *menor* tece fugas, novos encontros, mergulhando os territórios numa heterogeneidade e multiplicidade de vozes que fazem as interdições de gêneros e as sexualidades às genitálias; as configurações cromossômicas; as linguagens bioquímicas; e, as estruturas neuroanatômicas entrarem em variações e se conectarem aos campos biológicos, sociais, históricos, filosóficos, artísticos, dentre outros. Ela espalha um funcionamento *menor* da biologia que esburaca e mina os espaços de uma educação *maior* que impõe um caminho único aos gêneros e sexualidades, oferecendo resistências.

Traçados Metodológicos

Como fonte de investigação empírica, direcionamos nosso olhar para os anais dos ENEBIO e EREBIO e para as atas dos ENPEC, publicações que encontramos nas páginas dos respectivos eventos e/ou das associações responsáveis pelos mesmos⁶, a partir de ferramentas da pesquisa bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007, p. 43). Para este estudo, o recorte procedido para efeito de análise compreendeu as edições dos ENEBIO realizados no ano de 2016 e 2018, a 7ª edição do EREBIO-R5/NE e as XI e XII edições dos ENPEC (2017 e 2019). Esse recorte temporal justifica-se em função do pioneirismo de tais produções de pessoas *trans* nas referidas edições dos eventos.

Utilizamos como *corpus* analítico as produções (anais e atas), bem como anotações de campo⁷ do orientador dessa pesquisa que participou dos referidos eventos. Foram nessas edições que encontramos pistas das produções de pessoas *trans* com o debate acerca de corpos, gêneros e sexualidades nos territórios da Educação em Ciências e Biologia (SANTOS, 2018), e, que tratam do objetivo central dessa investigação. As análises e discussões com o material empírico desta investigação foram pautadas nas interlocuções teóricas foucaultianas (FOUCAULT, 2006), bem como nas conceituações das filosofias da diferença (DELEUZE; GUATTARI, 2011; GALLO, 2016; 2017).

Os usos *menores* nos territórios da educação em biologia: traçando alianças

Na primeira investida realizada nos trabalhos dos referidos eventos, conforme proposto no escopo dessa pesquisa, destacamos as produções de: Alice Alexandre Pagan e Naomi Neri Santana. Elas possuem formação inicial em Ciências Biológicas e tem atuações no campo da docência. (Figura 1).

Figura 1: Levantamento de produções de pessoas *trans* nos anais dos VI e VII ENEBIO e nas atas dos XI e XII* ENPEC

⁵ Realizamos um deslocamento conceitual com a noção de educação *maior* e educação *menor* (GALLO, 2017) para pensarmos a Educação em Biologia no diálogo com corpos, gêneros e sexualidades.

⁶ Aqui destacamos que alguns anais dos ENEBIO foram encontrados na página da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio). Disponível em: <<https://sbenbio.org.br>>.

⁷ Referimos a 7ª edição do EREBIO-R5/NE (2017) e XII ENPEC (2019). Nessas edições tivemos debates, por meio de mesas redondas, com mulheres *trans*.

Código	Título	<u>Autorxs</u>	Local de Publicação	Ano
ENEBIO1-2016	Concepções de professores de Ciências e Biologia do município de Maringá, Paraná sobre a Transexualidade	Naomi Neri Santana, Alexandre Luiz <u>Polizel</u> e Eliane Rose Maio	Anais ENEBIO	2016
ENEBIO2-2016	As biopolíticas para os seres e para as coisas: O corpo sob diferentes atravessamentos epistêmicos	Adalberto <u>Ferdnando</u> Inocêncio, Fabiana Aparecida de Carvalho, Alexandre Luiz <u>Polizel</u> , Tamires <u>Tolomeotti</u> Pereira, Mateus Oka de Farias e Naomi Neri	Anais ENEBIO	2016
ENPEC-2016	Biologia para o autoconhecimento: algumas considerações autobiográficas	Alice Alexandre <u>Pagan</u>	Anais ENPEC	2017
ENEBIO-2018	Vulnerabilidade às IST/Aids e qualidade de vida de adolescentes: Reflexões para o ensino de Ciências	Manoel Messias Santos e Alice Alexandre <u>Pagan</u>	Anais ENEBIO	2018

Fonte: Anais do VI e VII ENEBIO; atas do XI e XII ENPEC.

(*) Não foram encontradas produções de pessoas *trans* nesta edição.

A partir das produções fomos mapeamento os traços que foram atravessando e dando contornos aos territórios. O texto, **ENEBIO1-2016**, nos conta sobre a invisibilidade e a patologização dos corpos trans nos espaços e currículos escolares, sobretudo por um discurso médico-biológico que endurece uma linearidade entre sexo-gênero-sexualidade. Desse modo, fica marcado que nos territórios da educação em Biologia o determinismo biológico e higienista faz-se presente, determinando diferenças morfo-anatômicas para homens e mulheres e assim, junto com outros discursos definem o “ser *trans*” como um desvio às relações tidas naturais.

Uma leitura foucaultiana, com perspectivas pós-estruturalistas foi encontrada no trabalho, **ENEBIO2-2016**, ali os domínios da biologia passam a ser tomados como uma ciência em meio a regimes de poderes-saberes, atravessada por intersecções com outras áreas de conhecimento. As sexualidades, os sexos, os corpos e os gêneros disputam e constituem uma biologia dominante que os submetem a processos de governança, captura e regulação, mas, também é afetada por processos de resistências. O texto faz insurgir contornos e linhas que traçam espaços abertos e possibilidades de se pensar fraturas curriculares e incorporações de perspectivas culturais que adensam as explicações biológicas para além de um conjunto de aparatos fisiológicos.

Alice Pagan em seu texto, **ENPEC-2016**, traça uma crítica ao foco exclusivo das contribuições biomédicas ao ser humano. A partir de elementos autobiográficos ela apresentou leituras psicossociais do conhecimento biológico, com olhares e vozes ecotransfeministas, biocêntricos e ecossociais. Ela tece os modos como os conceitos e conhecimentos biológicos podem estabelecer conexões afetivas com a vida no planeta, como por exemplo, a possibilidade de contribuição da biologia para a superação ou manutenção de preconceitos raciais e de gênero, interpelando uma biologia dos afetos e do autoconhecimento como resistência à uma educação em biologia circunscrita apenas em discursos morfo-anatômicos e médico-biológicos.

Em outro texto, **ENEBIO-2018**, em que Alice Pagan possui autoria, há uma articulação das discussões de corpos, gêneros, sexualidades, educação em saúde com o ensino

de Ciências, deslocando-os do binômio saúde-doença para o conceito de vulnerabilidade. Tal perspectiva fomenta reflexões a um ensino de Ciências que tem acessado as discussões no campo da saúde num foco de contribuições, estritamente, biomédicas e potencializam tais discussões numa esfera multidimensional, fazendo insurgir nos territórios das Ciências Biológicas, para além de fatores epidemiológicos, aspectos socioculturais, coletivos, contextuais, afetivos, dentre outros.

Ainda em composição com os territórios da educação em Ciências e Biologia, temos os atravessamentos das rodas de conversa⁸ com as mulheres trans - Alice Pagan e Luma Nogueira de Andrade. No diálogo “*Corpos flutuantes entre gênero, sexualidade e raça*”, Alice apresenta os territórios da Educação em Biologia marcados por um jogo de forças, valores, naturalizações e disputas que movimentam os corpos, gêneros e sexualidades como categorias políticas, para além de uma dimensão restrita ao discurso biomédico. Nesse jogo, ela problematiza direções normativas e fixas dos modos de existências (por exemplo, as atribuições do masculino e do feminino) e aponta possibilidades de deslocamentos, mudanças e fugas para outras maneiras de pensá-los.

Em “*Biologia na escola: corpos, gêneros e sexualidades*”, Luma trouxe problematizações sobre o modelo de racionalidade que supostamente tem sido tomado como natural, dado, verdadeiro e que sempre esteve aí nos territórios. O modelo que, segundo ela, coordena o jogo das funções (gen)italizantes, pela interioridade do biológico, pelos polos de correspondências *corretas* e funcionais entre sexo biológico (ser macho ou fêmea a partir da própria dotação genética e hormonal) e gênero, tem uma história, de disputas e negociações, que se impôs e se prolonga no triunfo de colocar estacas no pensamento.

No XII ENPEC, Alice acionou a discussão da “*Educação em Ciências na Escola Democrática: gênero e sexualidade*”. Esse diálogo sinalizou que a racionalidade científica das Ciências Biológicas proscreve, o sentido de corpos, gêneros e sexualidades, do campo da experiência e dos afetos, espantando os movimentos de experimentação, afetações e conexões que vão além da primazia da totalidade orgânica, e, invisibiliza, por meio dos efeitos de verdade das racionalizações biológicas, os agenciamentos de gêneros e sexualidades que estão em jogo na produção biológica.

As referidas produções (textos e diálogos) produzem territórios na Educação em Ciências Biologia como espaços em que os corpos, gêneros e sexualidades são mobilizados mais pelos atravessamentos sociais, coletivos, políticos, culturais e afetivos do que pelos órgãos ou discursos biomédicos, anatomo-fisiológicos. Com isso, nos colocam num exercício de uma educação em biologia *menor*, pois subvertem propostas curriculares com discursos estritamente biológicos, lançando a educação em biologia *maior* em processo de fuga, desterritorializando seus usos dentro dos ordenamentos instituídos.

Apaga... refaz... tira... acrescenta... só não deixa igual...

A partir dos cenários político que estamos atravessando no contexto brasileiro, tais como: a) desmonte dos espaços públicos de educação; b) cortes e desinvestimentos no campo da pesquisa científica, sobretudo, na área de ciências humanas; c) controles e interdições nos propósitos de acolher e multiplicar as diferenças de gêneros e sexualidades nos currículos escolares e nas diretrizes educacionais; d) ações e ataques fascistas direcionados às minorias; e e) movimentos de não ciência; este trabalho ganha urgência e relevância nos territórios da educação em Ciências e Biologia.

⁸ VII EREBIO – R5/NE – na Universidade Regional do Cariri – URCA, no Crato/CE em setembro de 2017.

Diante desse cenário, destacamos que os exercícios, de uma conceituação do que estamos chamando de uma educação em biologia *menor*, a partir das produções de pessoas *trans*, nos convoca a experimentar atos de resistências frente aos controles e normatizações do instituído da educação em biologia *maior*, tais como: a) rompimento da ideia essencializadora que corpos, gêneros e sexualidades seja estritamente um conjunto de aparatos fisiológicos, e, sim atravessados por discursos e negociações regimentadas por/com poderes-saberes; b) intersecções das discussões políticas, culturais, de gênero e de sexualidade às biológicas. Esperamos que essa investigação tenha apontado possibilidades e deslocamentos aos territórios da Educação em Biologia, sobretudo da prática educativa, a partir do conceito de educação em biologia *menor*.

Agradecimentos e Apoios

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de Iniciação Científica e apoio financeiro para realização e dedicação a pesquisa.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3.ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, v.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34. 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2006.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- _____. Escola: entre a perversão e a transgressão. In: SARAIVA, K; GUIZZO, B. S. (Orgs.). **Educação em um mundo em tensão: insurgências, transgressões, sujeições**. Canoas: Editora da ULBRA, 2017, p. 33-43.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**. Florianópolis, v. 10, n. especial, 2007, p. 37-45.
- SANTOS, Sandro Prado. **Experiências de pessoas trans - ensino de Biologia**. 2018. 289 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Entre encontros e ensino de biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 13, n. 1, p. 141-152, 2020.